

CONTRIBUIÇÕES DA EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA ROOSEVELT-RONDON AO ESTUDO DAS AVES DO BRASIL

Marcelo Ferreira de Vasconcelos

Fernando Augusto Valério

José Fernando Pacheco

Henrique Belfort Gomes



CONTRIBUIÇÕES DA EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA ROOSEVELT-RONDON AO ESTUDO DAS AVES DO BRASIL

CONTRIBUTIONS OF THE ROOSEVELT- RONDON SCIENTIFIC EXPEDITION TO THE STUDY OF BRAZILIAN BIRDS

Marcelo Ferreira de Vasconcelos

Curador da Coleção Ornitológica do Museu de Ciências Naturais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e pesquisador do Instituto Prístino. Doutor em Ecologia pela UFMG. e-mail: mfvasconcelos@gmail.com

Fernando Augusto Valério

Mestrando em Biologia Animal pela UFV. e-mail: f.valeriocarvalho@gmail.com

José Fernando Pacheco

Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. Mestre em Biologia Animal pela UFRRJ. e-mail: jfpacheco@terra.com.br

Henrique Belfort Gomes

Biocev Serviços de Meio Ambiente Ltda. Mestre em Ecologia pela UFMG. e-mail: hbel-
fort@gmail.com

RESUMO: Apresenta-se uma síntese sobre a Expedição Científica Roosevelt-Rondon, liderada por dois grandes homens: o ex-presidente norte-americano, Theodore Roosevelt Jr. (1858-1919), e o herói brasileiro Cel. Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958). A expedição tinha duplo caráter: obter espécimes zoológicos para instituições científicas e mapear o até então desconhecido curso do Rio da Dúvida. Aborda-se o itinerário da expedição em solo brasileiro, com uma revisão de seus resultados ornitológicos, com base nas observações do próprio ex-presidente, relatadas em sua obra “Nas Selvas do Brasil”, assim como nos diários e relatos do naturalista George Kruck Cherrie (1865-1946) e na biografia de Rondon. A descida do Rio da Dúvida foi o trecho mais crítico da expedição, perfazendo dois meses ao longo de 850 km, castigados por muito sofrimento, doenças, fraqueza e privações no “inferno verde” da selva desconhecida. Ao final da síntese histórica da expedição, avalia-se sua importância para o conhecimento das aves brasileiras, sendo apresentadas discussões relativas ao material tipo coletado.

Palavras-chave: Ornitologia. Taxonomia. Rio da Dúvida.

ABSTRACT: We present an overview of the Roosevelt-Rondon Scientific Expedition, led by two great men: the American former president, Theodore Roosevelt Jr. (1858-1919), and the Brazilian hero, Cel. Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958). The expedition had two main goals: to collect zoological specimens for scientific institutions and to map the still unknown course of the River of Doubt. We present an overview of the expedition itinerary in Brazil, with a review of its ornithological results, based on the observations of the former president, reported in his book “Through the Brazilian wilderness”, as well as in the diary of the naturalist George Kruck Cherrie (1865-1946) and in Rondon biography. The travel down the River of Doubt was the most critical part of the expedition, comprising 850 km along two months, punished for suffering, illness, weakness and deprivation in the “green hell” of the unknown jungle. We also assess the importance of this scientific expedition for the knowledge of Brazilian birds, with discussions on the collected type specimens. **Keywords:** Ornithology. Taxonomy. River of Doubt.

INTRODUÇÃO

O início do século passado foi marcado por grandes expedições ao redor do mundo. Foi realizada uma corrida pelos exploradores para o conhecimento das últimas fronteiras da terra. Neste período, houve a disputa pela conquista do polo Norte, de modo que até hoje existe a dúvida se foi Frederick Albert Cook (em 1908) ou Robert Pery (em 1909) o primeiro homem a pisar neste polo (HENDERSON, 2006). Paralelamente, acontecia a corrida para a conquista do polo Sul, com incríveis viagens exploratórias, sendo este conquistado em 1911, em uma das maiores competições entre exploradores, dentre eles, o norueguês Roald Amundsen e o inglês Robert Falcon Scott (HUNTFORD, 2002). Entre 1914 e 1917, ocorreu uma das mais fantásticas histórias da exploração do polo Sul, quando o navio *Endurance*, comandado por Ernest Shackleton, quebrou-se no gelo antártico e sua equipe teve que lutar pela sobrevivência durante quase dois anos (SHACKLETON, 2002).

Entretanto, há 100 anos, não eram apenas os polos terrestres as áreas nunca pisadas por homens civilizados, mas também as regiões equatoriais que não apresentavam os rigores dos climas polares, mas outras intempéries. Assim, os confins da Amazônia brasileira ainda eram considerados terras impenetráveis, tanto pela dificuldade de acesso por meio terrestre ou fluvial, quanto por doenças tropicais ou indígenas hostis. Foi neste contexto que, nesta época, ocorreu uma expedição científica e exploratória em plena selva brasileira, liderada por dois grandes homens: Roosevelt e Rondon.

O ex-presidente norte-americano, Theodore Roosevelt Jr. (1858-1919), além de importante homem público, destacava-se como um destemido aventureiro, soldado e, acima de tudo, grande entusiasta da História Natural. Em junho de 1913, participou de uma reunião no *American Museum of Natural History* (AMNH) de Nova Iorque, junto de diretores e naturalistas vinculados àquela instituição, com o objetivo de planejar uma expedição científica de coleta de exemplares zoológicos, com itinerário previsto para subir o Rio Paraguai em direção à bacia amazônica, abrangendo boa parte do extremo, e ainda não desbravado, oeste brasileiro (NAUMBURG, 1930; ROOSEVELT, 1976).

Dentre os participantes desta reunião que iriam junto de Roosevelt à expedição, incluíam-se dois importantes naturalistas-coletores: George Kruck Cherrie (1865-1946), especialista em aves, e Leo Edward Miller (1887-1952), com interesse em mamíferos. Ambos

eram verdadeiros veteranos das selvas neotropicais e estavam bem habituados às enormes adversidades encontradas nestas plagas do mundo. Ainda, como representantes da comitiva, havia Anthony Fiala (um ex-explorador ártico), Pe. John Augustine Zahm (ex-viajante da América do Sul), Jacob Sigg (enfermeiro e cozinheiro) e Frank Harper (secretário) (NAUMBURG, 1930; ROOSEVELT, 1976; SÁ et al., 2008).

Apesar de o plano inicial da expedição, ao deixar Nova Iorque, seria o de navegar em rios já conhecidos até o Amazonas, todo o planejamento foi modificado quando a equipe ancorou no Brasil, mais precisamente na Bahia, onde o embaixador Domicio da Gama ofereceu ajuda do governo brasileiro para transportar barcos, bagagens e o apoio do heróico Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958) (CID; WAIZBORT, 2006; MILLARD, 2007; SÁ, 2011). Rondon aceitou o convite para acompanhar a expedição, mas com ressalvas, deixando claro a seus superiores que só faria parte da equipe se a natureza da expedição fosse alterada para um importante empreendimento científico, não querendo ser apenas um guia de caçadas do ex-presidente norte-americano (MILLARD, 2007). No entanto, esse tipo de viagem era o que Roosevelt mais desejava desde que havia deixado a presidência de seu país, vendo de perto o seu grande sonho de explorador se concretizar (MILLARD, 2007). Com essa mudança de planos, ficou decidido que a comitiva americana, junto com Rondon e seus auxiliares, iriam descer o ainda desconhecido Rio da Dúvida, do qual apenas a nascente era conhecida (MILLARD, 2007).

Dentre os acompanhantes de Rondon, destacavam-se o geólogo Euzebio Paulo de Oliveira, o médico Dr. Antonio Cajazeira, o Tenente João Salustiano Lyra e o Capitão Amilcar Armando Botelho de Magalhães (VIVEIROS, 1958). A comitiva de Rondon também contava com naturalistas do Museu Nacional do Rio de Janeiro (MNRJ), a exemplo do taxidermista Henrique Reinisch, além de diversos soldados e oficiais brasileiros (NAUMBURG, 1930; ROOSEVELT, 1976; SÁ et al., 2008).

Naquela ocasião, não se sabia onde desaguaria o Rio da Dúvida: no Rio Ji-Paraná (afluente do Rio Madeira), no próprio Madeira, no Guaporé, no Amazonas, ou no Tapajós (NAUMBURG, 1930; VIVEIROS, 1958; ROOSEVELT, 1976). Assim, tal expedição, de caráter científico e exploratório, foi denominada “Expedição Científica Roosevelt-Rondon”, que completou 100 anos e merece ser celebrada, especialmente no que se refere a sua importância para o conhecimento da avifauna brasileira, e, também, por ter sido pouco

divulgada nos textos que tratam da história da Ornitologia no Brasil (vide SICK, 1997). Como resultados, a expedição trouxe centenas de espécimes de animais, depositados no AMNH e no MNRJ, e mapeou um grande rio amazônico, que foi, então, incluído nos mapas e nas cartas geográficas. O Rio da Dúvida foi batizado por Rondon, durante a expedição, de Rio Roosevelt (VIVEIROS, 1958; ROOSEVELT, 1976; MILLARD, 2007). Ressalta-se que um recente inventário ornitológico realizado em um único ponto desta bacia hidrográfica levantou uma das avifaunas mais ricas da Amazônia brasileira, com 481 espécies (WHITTAKER, 2009).

Neste artigo, descreve-se sucintamente o itinerário da expedição em solo brasileiro, com uma revisão de seus resultados ornitológicos, com base no conhecimento e em observações do próprio ex-presidente, relatadas em sua obra “Nas Selvas do Brasil” (ROOSEVELT, 1976) – tradução do original de “*Through the Brazilian wilderness*”, de 1914 – assim como nos diários de Cherrie, transcritos por Ornig (1975), e em seus relatos publicados por Naumburg (1930, p. 3-21). Além disso, consultou-se a biografia de Rondon (VIVEIROS, 1958), com foco especial no estudo do trecho compreendido pela expedição, e o livro “O Rio da Dúvida: a sombria viagem de Theodore Roosevelt e Rondon pela Amazônia” (MILLARD, 2007). Também foi avaliada a importância da expedição para o conhecimento da Ornitologia no Brasil, sendo apresentado o material tipo coletado neste período.

A EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA ROOSEVELT-RONDON EM TERRITÓRIO BRASILEIRO E OBSERVAÇÕES SOBRE AVES NESTE ITINERÁRIO

Partiram de navio a vapor de Nova Iorque, em 4 de outubro de 1913, o ex-presidente e sua comitiva: Cherrie, Fiala, Zahm, Sigg e Harper (NAUMBURG, 1930; ORNIG, 1975; MILLARD, 2007). Em Barbados (Antilhas), no itinerário para o Brasil, encontraram-se com Miller, que se juntou à equipe após uma expedição de coleta pela bacia do Orinoco (NAUMBURG, 1930; ORNIG, 1975). Chegaram à Bahia (Salvador) em 18 de outubro, quando encontraram Kermit Roosevelt, filho de Theodore, aportando posteriormente no Rio de Janeiro, em 22 de outubro (ORNIG, 1975; MILLARD, 2007), onde Roosevelt permaneceu por alguns dias, tendo algumas visitas programadas a fazer em diversos pontos do Brasil, Uruguai, Argentina, Chile e Paraguai, antes da expedição propriamente dita (NAUMBURG, 1930; ROOSEVELT, 1976). Kermit já vivia no Brasil, onde trabalhava,

desde 1912, na construção de pontes e ferrovias (VIVEIROS, 1958; ROOSEVELT, 1976; MILLARD, 2007; SÁ et al., 2008).

Parte da comitiva (Cherrie, Miller, Fiala e Sigg) seguiu anteriormente, por via marítima, para Montevideu, Buenos Aires, e subiu o Rio Paraguai até a cidade de Corumbá (21 de novembro), atual estado do Mato Grosso do Sul, onde reencontrariam Theodore em 16 de dezembro para iniciarem a expedição (NAUMBURG, 1930; ORNIG, 1975; ROOSEVELT, 1976). Neste intervalo, os naturalistas que seguiram adiante puderam coletar farto material, tanto em território paraguaio (subúrbios de Assunção e Gran Chaco), quanto nos arredores de Corumbá (NAUMBURG, 1930; ORNIG, 1975; ROOSEVELT, 1976).

Theodore encontrou-se com o Cel. Rondon a 12 de dezembro, logo ao adentrar a fronteira brasileira, subindo o Rio Paraguai (VIVEIROS, 1958; ROOSEVELT, 1976). Passaram por várias localidades do atual estado de Mato Grosso do Sul, dentre elas, Porto Murtinho, um dos poucos locais onde há ocorrência do Chaco em território brasileiro e onde já foram realizados levantamentos ornitológicos (PACHECO; BAUER, 1994; STRAUBE et al., 2006), Forte Coimbra (14 de dezembro) e, finalmente, Corumbá (15 de dezembro), uma das poucas áreas do país onde ocorre a vegetação de Bosques Chiquitanos, com aves típicas desta ecorregião (VASCONCELOS; HOFFMANN, 2006; VASCONCELOS et al., 2008).

Até este ponto, Cherrie e Miller, que haviam seguido na frente, já haviam obtido aproximadamente 800 exemplares de aves e mamíferos (ROOSEVELT, 1976). De Corumbá, a comitiva explorou vários pontos do Pantanal brasileiro, incluindo atividades de caçadas de onças no Rio Taquari (Fazenda das Palmeiras), e de importantes coletas da avifauna no Maciço do Urucum e no Pantanal dos Rios São Lourenço e Cuiabá (NAUMBURG, 1930; VIVEIROS, 1958; ROOSEVELT, 1976).

Neste trecho pantaneiro, durante os últimos dias de 1913, o ex-presidente teve a oportunidade de fazer importantes observações sobre a história natural das aves, evidenciando, em alguns momentos, que seus interesses não estavam concentrados apenas na coleta científica, mas também no conhecimento da biologia das espécies, como pode ser avaliado nos trechos abaixo:

O naturalista que se dedica principalmente aos estudos dos hábitos e da biologia dos pássaros, animais, peixes e répteis e que está à altura de descrever verdadeira e vividamente o que observou, poderá prestar serviço de muito maior utilidade do que o mero

coleccionador, nesta região do alto Paraguai. O trabalho do coleccionador é indispensável; mas é apenas uma pequena parte do que se deve realizar, de vez que, depois que as coleções tenham atingido a um certo grau, torna-se de muito maior importância o registro das observações feitas no campo (ROOSEVELT, 1976, p. 61).

É difícil dar uma idéia perfeita da riqueza da avifauna desses pantanais. Um naturalista poderia, com grande proveito, permanecer por seis meses ininterruptos em uma fazenda como a que visitávamos. Não é que tivesse muito material novo para coleccionar, porém, havia grande cópia de fatos e coisas dependentes de exaustiva observação de campo. [...] Na realidade, o que mais nos falta, atualmente, são livros que tratem da biologia desses animais silvestres (ROOSEVELT, 1976, p. 71).

Nesta região dever-se á encontrar grande cópia de material para coleção (não se deve permitir o sacrifício de alguns animais pela simples satisfação de matá-los), pois tem sido estudada apenas superficialmente, sobretudo no que se refere a mamíferos. Mas, se o trabalho for realizado somente no sentido de coleccionar espécimes, a parte mais importante seria desprezada. Oferece ainda a região extraordinária oportunidade para o estudo da biologia de aves, que, pelo tamanho, beleza e hábitos, são de excepcional interesse (ROOSEVELT, 1976, p. 90).

Dentre as interessantes observações realizadas por Roosevelt sobre as aves pantaneiras, destacam-se algumas, abaixo reproduzidas:

Certo dia encontramos um ninho de jaburu numa enorme figueira na borda de uma clareira da floresta. Constava de uma grande plataforma de varas sobre um galho horizontal e nele quatro filhotes já meio crescidos. Passamos ali pela manhã, no momento em que os pais estavam pousados ao lado do ninho e não nos foi possível fotografá-los porque o céu estava muito nublado. Mais tarde, quando passamos novamente por aquele local, já o sol estava de fora e assim tentamos tirar algumas fotografias. Nesta ocasião somente um dos pais se achava junto ao ninho e não se mostrou atemorizado. Notei que o jaburu mantinha o bico entreaberto. Fazia calor, razão por que, conclui eu, ele tomara aquela atitude, tal como fazem as galinhas no verão. À nossa partida o velho pernalta e os quatro filhotes continuaram impassíveis e já então voltava ao ninho, em vôo sereno, o jaburu ausente (ROOSEVELT, 1976, p. 70-71).

Ao longo do rio avistamos duas espécies diferentes de japuínas pretas e douradas, de crista pequenina, cujos ninhos em colônia davam a impressão de um grande pêndulo dependurado nos ramos e quase beirando a água. Cherrie contou-nos que já tinha encontrado um desses ninhos, com vários centímetros de diâmetro circundando uma casa de marimbondos. Esses insetos são venenosos e agressivos, de sorte que, dificilmente, qualquer intruso poderia aproximar-se do ninho assim protegido; os pássaros, porém, sentiam-se à vontade e estavam mesmo livres de qualquer agressão por parte de seus temíveis protetores (ROOSEVELT, 1976, p. 77-78).

Por exemplo, na manhã do dia 3, quando subíamos o Rio Paraguai, víamos freqüentemente, nas árvores marginais, grandes ninhos feitos de gravetos, em torno ou dentro dos quais se encontravam inúmeros periquitos. Alguns traziam no bico pedacinhos de pau. Em alguns desses grandes ninhos circulares poder-se-iam abrir diversos buracos de entrada e saída. Aparentemente os periquitos estavam construindo ou remodelando tais ninhos-colônias, porém não posso afirmar se os mesmos eram de sua construção ou se eles se haviam aproveitado para modificá-los ou aumentá-los (ROOSEVELT, 1976, p. 90).

A 3 de janeiro de 1914, a expedição subiu o Rio Paraguai em direção a Cáceres (atual estado do Mato Grosso), onde aportaram no dia 5 de janeiro (VIVEIROS, 1958; ORNIG, 1975; ROOSEVELT, 1976; MILLARD, 2007). Logo após, subiram o Rio Sepotuba (ou Rio das Antas), passando por Porto Campo (7 de janeiro) e chegando a Tapirapoã em 16 de janeiro, onde o material zoológico coligido até então (cerca de 1.000 aves e 250 mamíferos) fora enviado por Harper à Nova Iorque (NAUMBURG, 1930; VIVEIROS, 1958; ORNIG, 1975; ROOSEVELT, 1976). A 21 de janeiro, partem desta localidade em lombo de burro, com as bagagens carregadas em carros de boi, através do divisor das bacias do Paraguai e do Amazonas – a Chapada dos Parecis – coberta, em suas partes mais elevadas, pelas diversas fitofisionomias do Cerrado, atingindo o Rio Sacre a 28 de janeiro (NAUMBURG, 1930; VIVEIROS, 1958; ORNIG, 1975; ROOSEVELT, 1976; MILLARD, 2007). Cherrie (*in* NAUMBURG, 1930) comentou que poucos exemplares foram obtidos durante a travessia da chapada, já que sempre acordavam muito cedo para fazer a jornada, armando acampamento tarde da noite. Entretanto, nesta travessia, o naturalista pôde encontrar espécies típicas do Cerrado,

como *Tyrannus savana* Daudin, 1802, conforme anotações em seu diário: “Este é o primeiro local onde notei a tesourinha [fork-tailed Flycatcher]”⁸ (ORNIG, 1975, p. 35).

Deste ponto em diante, a umidade constante (pois se encontravam em plena estação chuvosa) começou a dificultar o preparo do material zoológico e, de Utiariti, partiram, a 3 de fevereiro, Pe. Zahm e Sigg, de volta a Tapirapoã e Cáceres (ORNIG, 1975; ROOSEVELT, 1976).

No dia seguinte, Fiala e o Tenente Alcides Lauriadó de Santana, este último da comitiva de Rondon, também se separaram do corpo principal da expedição, iniciando a descida do Rio Papagaio, para depois descerem os Rios Juruena e Tapajós (VIVEIROS, 1958; ORNIG, 1975; ROOSEVELT, 1976). Mais uma parte dos animais coletados foi, então, despachada para os museus neste momento (ROOSEVELT, 1976).

A partir deste ponto, o restante da comitiva dirigiu-se à Vilhena, localizada no extremo leste do atual estado de Rondônia, no divisor de águas dos Rios Madeira e Tapajós, aonde chegaram em 18 de fevereiro (ORNIG, 1975). De Vilhena, o corpo principal da expedição seguiu em direção ao norte, cavalgando pela chapada divisora de águas, com destino à estação telegráfica “José Bonifácio”, passando por uma aldeia de índios nhambiquaras (ORNIG, 1975; ROOSEVELT, 1976). Novamente, atravessaram cerrados neste trecho, onde Cherrie continuou coletando aves típicas deste domínio, conforme, por exemplo, o seguinte trecho de seu diário: “Em pouco tempo de coleta eu tive a satisfação de coletar um ‘lark’ (ou ‘pippit’) novo para mim e um interessante falcão de uma espécie já avistada, pousada em um dos postes de telégrafo”⁹ (ORNIG, 1975, p. 45) – tradução nossa.

De acordo com a localidade de coleta (Rio Nicola Buena) e checando-se os registros em Naumburg (1930), estas aves tratam-se de *Geositta poeciloptera* (WIED, 1830) e *Falco femoralis* Temminck, 1822, respectivamente, sendo a primeira uma espécie endêmica do Cerrado (SILVA, 1995).

A comitiva encontrou o Cap. Amilcar em 24 de fevereiro em um acampamento às margens de um riacho afluente do Rio da Dúvida (Rio Sete de Setembro) (ORNIG, 1975; ROOSEVELT, 1976). No dia seguinte, a partir deste local, a expedição dividiu-se novamente, da seguinte forma: Amilcar, Miller, Melo e Oliveira viajarão até o

8 Tradução dos autores.

9 Tradução dos autores.

Rio Ji-Paraná, descendo-o até o Rio Madeira, com destino final em Manaus (VIVEIROS, 1958; ORNIG, 1975; ROOSEVELT, 1976; MILLARD, 2007); Rondon, Roosevelt, Tenente Lyra, Dr. Cajazeira, Cherrie e Kermit desceriam o Rio da Dúvida com 16 remadores, todos em sete canoas, com destino ao desconhecido (VIVEIROS, 1958; ORNIG, 1975; ROOSEVELT, 1976; MILLARD, 2007).

A descida do Rio da Dúvida foi iniciada em 27 de fevereiro de 1914, sendo este o verdadeiro trecho crítico da expedição (NAUMBURG, 1930; ORNIG, 1975; ROOSEVELT, 1976; MILLARD, 2007). Foram dois meses de viagem de canoa, perfazendo cerca de 850 km, castigados por muito sofrimento, doenças, fraqueza e privações na selva desconhecida, tempo em que foram enfrentadas corredeiras perigosíssimas, com a perda de canoas, de um dos homens – traga-do pelas águas revoltas do rio – e do cão de Rondon – flechado por indígenas (NAUMBURG, 1930; VIVEIROS, 1958; ORNIG, 1975; ROOSEVELT, 1976; MILLARD, 2007). Além destes, um dos auxiliares acabou sendo assassinado por outro membro da comitiva, devido a desavenças que foram surgindo diante do desespero, da fome e da constante iminência da morte no “inferno verde” (VIVEIROS, 1958; ORNIG, 1975; ROOSEVELT, 1976; MILLARD, 2007).

Assim, com grandes restrições pela dificuldade de levar bagagens volumosas em trechos onde a sobrevivência imperava acima de tudo, as próprias anotações de Roosevelt sobre aves diminuíram neste trecho da expedição pelo Rio da Dúvida, onde relatou, em plena selva: “Não havia muitos pássaros, de maneira que a mata estava quase sempre em silêncio; raramente se ouviam “pios” estranhos no fundo das selvas ou se avistava uma ou outra aninga ou maguari” (ROOSEVELT, 1976, p. 162).

A floresta se mostrava quase despovoada e silenciosa. Não nos era dado ouvir aquele coro de pássaros e de mamíferos, o que ocasionalmente acontecia em nossas viagens por terra, quando mais de uma vez fomos despertados de madrugada pelos gritos, chilros e vozeiro de macacos, tucanos, araras, papagaios e periquitos (ROOSEVELT, 1976, p. 165).

“Comumente a mata estava silenciosa e erma” (ROOSEVELT, 1976, p. 171).

“Havia inúmeras borboletas de cores maravilhosas, mas poucos pássaros, embora ouvíssemos, pela manhãzinha e ao cair da noite, seus cantos atraentes no meio da mata” (ROOSEVELT, 1976, p. 182).

O próprio Cherrie reclamou:

“Estivemos tão ocupados em nossos esforços para descer o rio que poucas notas ornitológicas puderam ser feitas”¹⁰ (NAUMBURG, 1930, p. 19).

“20 de março de 1914 – Acampamento 14 – Há pouco a ser registrado hoje. As aves nos arredores imediatos do acampamento são raras e eu não preparei uma pele sequer!”¹¹ (ORNIG, 1975, p. 57).

“Eu preparei peles de duas pequenas aves. Elas foram as primeiras de vários dias”¹² (ORNIG, 1975, p. 73).

A dificuldade de Roosevelt em observar e encontrar aves em domínio amazônico sem dúvida se relaciona ao que Sick (1997) chamou de “pobreza ilusiva dos trópicos”, onde dificilmente se veem aves, que geralmente estão nas altas copas das árvores ou nas densas brenhas da floresta. Neste caso, mais se ouve do que se observa, sendo imprescindível o conhecimento das diversas vocalizações das espécies de aves. Entretanto, como a expedição pelo Rio da Dúvida estava sendo realizada de canoa por corredeiras, certamente os registros auditivos ficaram muito prejudicados pelo ruído das águas. Não se encontram mais, no relato de Roosevelt deste trecho da expedição, menções detalhadas sobre a biologia das aves, tais quais àquelas feitas na planície pantaneira, onde as observações eram muito facilitadas pelo ambiente aberto e pelo maior porte de muitas espécies. As poucas observações de aves feitas por Roosevelt durante a descida do Rio da Dúvida concentram-se, em sua maioria, naquelas caçadas para matar a fome dos expedicionários (ver adiante). Uma exceção importante, entretanto, é quando o ex-presidente destaca a presença de bandos mistos de aves amazônicas, tema estudado em detalhes apenas no final do século XX (*e.g.*, MUNN, 1985; POWELL, 1989; TERBORGH et al., 1990; GRAVES; GOTELLI, 1993):

Veza por outra, pequenos bandos de pássaros de várias espécies (pica-paus, papa-formigas, gaturamos e papa-moscas) passavam pelo alto, justamente como acontece no Hemisfério Norte, quando bandos de tordos, chapins e sitídeos, na primavera e no outono, cruzam as nossas matas (ROOSEVELT, 1976, p. 171).

10 Tradução dos autores.

11 Tradução dos autores.

12 Tradução dos autores.

Apesar de todas as dificuldades encontradas diante deste árduo processo de descida do Rio da Dúvida, Cherrie continuou a coletar e preparar espécimes de aves. Roosevelt fez elogios às atividades enérgicas deste naturalista exemplar:

A minha [canoa] ficou à espera de Cherrie, que se empenhara na captura de alguns pássaros. Conseguiu matar alguns, dentre os mais interessantes eram uma cotinga azul-turquesa brilhante, com a garganta purpúrea e um grande pica-pau de dorso negro e ventre cor de canela, com pescoço e cabeça vermelhos. (ROOSEVELT, 1976, p. 163).

“Neste ínterim, Cherrie matou sessenta aves peculiares ao Rio da Dúvida, todas novas para a coleção e algumas até mesmo desconhecidas dos cientistas” (ROOSEVELT, 1976, p. 170).

“Existiam ali muitos passarinhos, porém era extremamente difícil alvejá-los nas grimpas das árvores e ainda mais difícil apanhá-los, quando mortos, no intrincado da vegetação, em baixo. Mesmo assim Cherrie conseguiu quatro espécies novas para a coleção”. (ROOSEVELT, 1976, p. 176-177).

“Não havia muitos pássaros na floresta, porém Cherrie conseguiu uns tantos exemplares que ainda não constavam na coleção”. (ROOSEVELT, 1976, p. 186).

“Passarinhos eram raros; mesmo assim, o esforço incansável de Cherrie, vez por outra, era recompensado com a obtenção de uma nova espécie para a coleção”. (ROOSEVELT, 1976, p. 191).

Cherrie ressaltou que aproveitava qualquer tempo disponível para coletar o que pudesse durante a descida do Rio da Dúvida:

Durante o tempo em que estas canoas eram construídas, eu trabalhei coletando aves nos arredores do acampamento, que estava situado em densa floresta com bastante sub-bosque. As aves observadas eram quase totalmente representadas por formicariídeos ou arapaçus; sendo alguns dos primeiros esplêndidos cantores.¹³ (NAUMBURG, 1930, p. 14).

Eu passei o dia todo caçando, mas só consegui adicionar uma nova ave a minha coleção, um pequeno *Synallaxis*, do tamanho

13 Tradução dos autores.

de um northern junco¹⁴ com cauda longa e de forma cuneada e de asas arredondadas.¹⁵ (NAUMBURG, 1930, p. 15).

Entretanto, o encontro de grandes trechos encachoeirados não permitiu a Cherrie coletar o tanto que gostaria, já que não haveria como transportar mais a volumosa bagagem. Cherrie, preocupado, relatou em seu diário, a 28 de março de 1914:

As corredeiras continuam e, agora, encontramos-nos acima de uma série de rápidos e cachoeiras (6 delas) formadas pelo rio que corre através de um profundo desfiladeiro entre as montanhas! É possível que abandonemos as canoas. Todos serão obrigados a reduzir suas bagagens a praticamente o que puder ser carregado nas costas. Não sabemos o que nos aguarda amanhã. A coleta de espécimes adicionais de aves será, agora, praticamente impossível.¹⁶ (ORNIG, 1975, p. 61).

As dificuldades de carregar as bagagens em trechos representados por cachoeiras causaram, inclusive, discussões acerca do abandono da caixa de peles taxidermizadas, mas, felizmente, Cherrie conseguiu convencer a comitiva de que fosse levada mais adiante (NAUMBURG, 1930, p. 15).

Entretanto, os animais coletados por Cherrie e por outros membros da comitiva começaram a ter não apenas valor científico, mas a servir, principalmente, como importante fonte de proteína para os expedicionários, que tinham enorme dificuldade em caçar dentre tantas tarefas ligadas à descida do Rio da Dúvida, o fatigante e demorado transporte das canoas por terra para evitar cachoeiras perigosas, o abate de árvores para a construção de novas canoas e a abertura e a montagem de acampamentos em terrenos totalmente inóspitos, dominados pela excessiva umidade amazônica no auge da estação chuvosa e por hordas de insetos sugadores de sangue e devoradores de roupas e barracas, deixando os expedicionários em farrapos (NAUMBURG, 1930; VIVEIROS, 1958; ROOSEVELT, 1976). Roosevelt cita o aproveitamento da carne destes exemplares em alguns trechos:

14 *Junco hyemalis*, espécie nativa da América do Norte.

15 Tradução dos autores.

16 Tradução dos autores.

Um pouquinho antes de alcançarmos o ponto desejado, Cherrie matou um jacu (bela ave um tanto parecida com o peru, porém bem menor) e, depois de se lhe retirar a parte destinada à coleção, deliciamos-nos com uma excelente canja feita de sua carne (ROOSEVELT, 1976, p. 168).

“Kermit matou um jacu para a panela” (ROOSEVELT, 1976, p. 169).

“Kermit fez uma excursão até uns cinco ou seis quilômetros abaixo, onde matou um jacu...” (ROOSEVELT, 1976, p. 170).

“Lira matou um jacu para nós e Kermit dois macacos para os camaradas” (ROOSEVELT, 1976, p. 172).

“Kermit e Lira continuaram caçando; o primeiro matou um mutum, o que muito nos alegrou, pois estávamos tentando economizar o mais possível nossas provisões” (ROOSEVELT, 1976, p. 173).

“No jantar tivemos um tucano e alguns periquitos, de ótimo sabor” (ROOSEVELT, 1976, p. 188).

“À tarde conseguimos um tucano já bem velho, uma piranha e uma boa quantidade de jabutis, que constituíram novas rações de carne fresca” (ROOSEVELT, 1976, p. 201).

“Vários membros da expedição pescaram muitos peixes, mataram um macaco e duas jacutingas (ave aparentada com o peru, porém bem menor), de sorte que tivemos outra vez grande fartura” (ROOSEVELT, 1976, p. 202).

Finalmente, em 15 de abril de 1914, após descerem as corredeiras mais perigosas do Rio da Dúvida, os expedicionários encontraram os primeiros seringueiros, que os hospedaram, descobrindo que os mesmos chamavam este rio de “Castanho” (ou “Castanha” e “Castanhas”, dependendo da fonte) e que este seria um afluente ocidental do Rio Aripuanã, este último, um dos mais importantes tributários do Rio Madeira (NAUMBURG, 1930; VIVEIROS, 1958; ORNIG, 1975; ROOSEVELT, 1976; MILLARD, 2007). A viagem de canoa continuou até o dia 26 de abril, completando dois meses ao longo de 850 km de um rio desconhecido. Nesta data, os expedicionários encontraram o acampamento da comissão de socorro chefiada pelo Tenente Antonio Pyrineus de Sousa, na embocadura do Rio Aripuanã com o “Castanho” (VIVEIROS, 1958; ORNIG, 1975; ROOSEVELT, 1976; SÁ et al., 2008; MILLARD, 2007). Neste ponto, o Tenente Pyrineus aguardava a comitiva junto com o taxidermista Emil Stolle (SÁ et al., 2008), que coletou, nesta localidade, o material tipo das subespécies de juruvas (Momotidae) descritas por Miranda-Ribeiro (1931 - ver abaixo).

A comitiva chegou em Porto São João (no baixo Aripuanã). De lá, embarcaram num vapor com destino a Manaus, chegando a esta cidade em 30 de abril, onde se reencontraram com Miller, que havia realizado excelente coleção de aves e mamíferos nos Rios Ji-Paraná, Madeira e arredores da capital amazonense (VIVEIROS, 1958; ORNIG, 1975; ROOSEVELT, 1976). De Manaus, seguiram de vapor para Belém, onde chegaram em 5 de maio (ORNIG, 1975). Cherrie e Miller tiveram a satisfação de visitar o Museu Paraense (atual Museu Paraense Emílio Goeldi – MPEG) e conhecer a eminente ornitóloga alemã Dra. Maria Elisabeth Emilie Snethlage (1868-1929), grande exploradora e coletora da região amazônica (CUNHA, 1989; JUNGHANS, 2008). Dali, a equipe norte-americana despediu-se da comitiva brasileira, partindo de volta aos Estados Unidos em 7 de maio de 1914 e aportando em Nova Iorque 12 dias depois (VIVEIROS, 1958; ORNIG, 1975; MILLARD, 2007).

Cherrie retornou ao Brasil em outras duas expedições complementares, uma em 1915, a famosa Expedição Collins-Day (CHERRIE, 1916b), e em 1916, visando preencher lacunas de coleta em trechos nos quais a Expedição Científica Roosevelt-Rondon teve dificuldade de obter material (NAUMBURG, 1930, p. 2).

A IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES DE COLETA DE ESPÉCIMES ORNITOLÓGICAS DA EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA ROOSEVELT-RONDON

Embora não quantificado o número de exemplares enviados para o MNRJ, há o registro que Cherrie e Miller coletaram, durante a expedição, mais de 2.500 aves e cerca de 450 mamíferos, além de répteis, anfíbios e peixes (ALLEN, 1916b, NAUMBURG, 1930, ROOSEVELT, 1976), incluindo táxons novos (ALLEN, 1916a; CHERRIE, 1916a; CHERRIE; REICHENBERGER, 1921; 1923).

Dentre as novas aves descritas, com base em material obtido no setor brasileiro da expedição (CHERRIE, 1916a; CHERRIE; REICHENBERGER, 1921; 1923), destacam-se as seguintes cuja validade taxonômica mantém-se até os dias atuais:

Ortalis canicollis pantanalensis subsp. nov. (CHERRIE; REICHENBERGER, 1921) – Type ♀ ad. AMNH 127232: near mouth of Rio San Lorenzo [Rio São Lourenço], Matto Grosso, Brazil, 26 dez 1913, Geo. K. Cherrie. [= *Ortalis canicollis pantanalensis* Cherrie & Reichenberger, 1921]

Embora a descrição seja baseada em apenas uma fêmea, a validade taxonômica desta subespécie nunca foi questionada em revisões posteriores, que incluíram a análise de espécimes adicionais (e.g., NAUMBURG, 1930; HELLMAYR; CONOVER, 1942; PINTO, 1964; 1978; DELACOUR; AMADON, 1973; BLAKE, 1977; GRANTS AU, 2010a; PIACENTINI et al., 2015).

Chaetura chapmani viridipennis subsp. nov. (CHERRIE, 1916a) – Type ♂ ad. AMNH 127383: Doze Outubro [Rio Doze de Outubro], Matto Grosso, 17 fev 1914, Geo. K. Cherrie. [= *Chaetura viridipennis* Cherrie, 1916]

Ainda que descrita de um único espécime, o táxon foi relacionado como válido nas seguintes obras referenciais: Cory (1918, p. 139), Naumburg (1930, p. 144), Pinto (1938, p. 244) e Peters (1940, p. 236). Novos espécimes atribuídos a este táxon foram notificados apenas por Wetmore (1953) e Pinto; Camargo (1954), respectivamente para amostras dos Rios Nechí (Antioquia, Colômbia) e Iquiri (Acre, Brasil). Marín (1997) reuniu razões para tratar o táxon como específico, medida esta endossada por Remsen et al. (2014) e Piacentini et al. (2015).

Chloronerpes flavigula magnus subsp. nov. (CHERRIE; REICHENBERGER, 1921) – Type ♀ ad. AMNH 127495: Monte Cristo, Matto Grosso [= Rondônia], 18 mar 1914, Leo E. Miller. [= *Piculus flavigula magnus* (Cherrie & Reichenberger, 1921)]

Considerado uma forma com dimensões maiores que a nominotípica (CHERRIE; REICHENBERGER, 1921), aceita até atualmente, incluindo fontes mais recentes (HELLMAYR, 1929; PETERS, 1948; WINKLER; CHRISTIE, 2002; GRANTS AU, 2010a; PIACENTINI et al., 2015).

Synallaxis rufogularis sp. nov. (CHERRIE, 1916a) – Type ♂ ad. AMNH 127726: Barão [de] Melgaço, Matto Grosso, 9 mar 1914, Leo E. Miller. [= *Synallaxis c. cherriei* Gyldenstolpe, 1930 – nom. nov.]

Tratado inicialmente como uma aberração (“*freak*”) de plumagem de *Synallaxis rutilans amazonica* por Cory; Hellmayr (1925) e Naumburg (1930). Gyldenstolpe (1930) reconheceu a validade do táxon, descreveu uma forma subordinada do Equador (*S. c. napoensis*) e introduziu um nome novo após constatar a pré-ocupação do nome de Cherrie por *Synallaxis rufogularis* Gould, 1839 (sinônimo de *Asthenes anthoides* (King) [1831]). Sua condição de táxon válido e politípico foi adotada por Carriker (1934), Zimmer (1936), Pinto (1938) e Meyer de Schau-

see (1966). Vaurie (1980) questionou a validade das subespécies, porém Oren; Silva (1987) e Ridgely; Greenfield (2001) forneceram argumentos para a manutenção do arranjo politípico em *S. cherriei*.

Philydor erythrocerus lyra subsp. nov. (CHERRIE, 1916a) – Type ♀ ad. AMNH 127750: 6th of March Rapids [Corredeira 6 de março], Rio Roosevelt, Matto Grosso [= Rondônia], 8 mar 1914, Geo. K. Cherrie. [= *Philydor erythrocerum lyra* Cherrie, 1916]

O epônimo é dedicado ao “*Lieutenant Lyra*”, portanto, mais precisamente, ao Tenente João Salustiano Lyra (1878-1917), participe da expedição, que morreu afogado no Rio Sepotuba, Mato Grosso.

Cory; Hellmayr (1925) empregaram este epíteto para designar a subespécie da Amazônia meridional, ao sul do Solimões e Amazonas, do Peru ao Maranhão. Este arranjo foi corroborado, dentre outros, por Naumburg (1930), Zimmer (1935), Pinto (1938), Gyldenstolpe (1945) e se mantém inalterado até o presente (REMSEN, 2003; GRANTS AU, 2010b). A correta grafia ‘erythrocerum’ encontra amparo gramatical em David; Gosselin (2002).

Manacus manacus subpurus subsp. nov. (CHERRIE; REICHENBERGER, 1923) – Type ♂ ad. AMNH 127944: Tapirapoan, Siputuba River [Rio Sepotuba], Matto Grosso, 19 jan 1914, Geo. K. Cherrie. [= *Manacus manacus subpurus* Cherrie & Reichenberger, 1923]

Uma das oito formas válidas desta espécie em território brasileiro, conforme Piacentini et al. (2015).

Tangara cyaneicollis melanogaster subsp. nov. (CHERRIE; REICHENBERGER, 1923) – Type ♂ ad. AMNH 128220: Utiarity near Salto Bello, Papagaio River, Matto Grosso, 30 jan 1914, Geo. K. Cherrie. [= *Tangara cyanicollis melanogaster* Cherrie & Reichenberger, 1923]

Considerada a subespécie deste complexo ocorrente na região central da Amazônia meridional (RIDGELY; TUDOR, 1994; ISLER; ISLER, 1999; GRANTS AU, 2010b). A grafia “cyaneicollis” é considerada incorreta (HELLMAYR, 1936, p. 121)

Outros nomes de Cherrie (1916a) e Cherrie; Reichenberger (1921; 1923) descritos a partir de material obtido no Brasil foram sinonimizados, a saber:

Nystactes tamatia interior subsp. nov. (CHERRIE; REICHENBERGER, 1921) – Type ♂ ad. AMNH 127486: Campos Novos, Cerro [Serra] do Norte, Matto Grosso, 16 fev 1914, Geo. K. Cherrie. [= *Bucco tamatia pulmentum* Sclater, 1856]

Descrito com base no tipo e em dois exemplares adicionais (CHERRIE; REICHENBERGER, 1921), a subespécie foi considerada como possível variação entre populações, ainda pouco conhecida (RASMUSSEN; COLLAR, 2002). Neste aspecto, Pinto (1947; 1978) já havia notado grande dificuldade na diagnose de algumas subespécies de *B. tamatia*.

Nystalus maculatus pallidigula subsp. nov. (CHERRIE; REICHENBERGER, 1923) – Type ♂ ad. AMNH 127477: Urucum, near Corumbá, Matto Grosso [= Mato Grosso do Sul], 8 dez 1913, Geo. K. Cherrie. [= *Nystalus striatipectus* (Sclater, 1854)]

Silva (1991) apresentou uma revisão da superespécie *Nystalus maculatus*, considerando *N. m. pallidigula* como sinônimo-júnior de *N. striatipectus* que, embora tratada como espécie plena por alguns autores recentes (e.g., GRANTSAU, 2010a; PIACENTINI et al., 2015), ainda é considerada subespécie de *N. maculatus* por outros (RASMUSSEN; COLLAR, 2002; REMSEN et al., 2014). Vasconcelos et al. (2003) mostraram que jovens de *N. maculatus* apresentam plumagem semelhante à de *N. striatipectus*.

Nonnula ruficapilla pallida subsp. nov. (CHERRIE; REICHENBERGER, 1921) – Type ♀ ad. AMNH 127126: Tapirapoan, Matto Grosso, 14 jan 1914, Geo. K. Cherrie. [= *Nonnula ruficapilla nattereri* Hellmayr, 1921]

A descrição da subespécie foi baseada em dois machos e uma fêmea, sendo considerada uma forma de coloração mais pálida que a nominotípica (CHERRIE; REICHENBERGER, 1921). No entanto, sem tecer quaisquer comentários, Naumburg (1930), co-autora da subespécie (assinando como Reichenberger), considerou-a sinônimo-júnior de *N. r. nattereri*. Descritas no mesmo ano de 1921 e baseadas em material obtido em localidades distando menos de 150 km uma da outra, o motivo rastreável para adoção de um nome em detrimento do outro é de prioridade cronológica: a data consignada (em capa) para a publicação do nome de Hellmayr é 19 de dezembro e a de Cherrie e Reichenberger é 28 de dezembro.

Celeus roosevelti sp. nov. (CHERRIE, 1916a) – Type ♀ ad. AMNH 127134: Tapirapoan, Matto Grosso, 17 jan 1914, Geo. K. Cherrie. [= *Celeus lugubris* (Malherbe, 1851)]

Táxon de validade questionável (MALLET-RODRIGUES, 2007), tendo sido considerado subespécie de *Celeus flavescens* (PETERS, 1948),

ou um híbrido entre *C. elegans jumanus* e *C. lugubris* (SHORT, 1972; GREENWAY, 1978). Possivelmente, como aventado por Naumburg (1930), trata-se apenas de um variante individual de *Celeus lugubris* (WINKLER; CHRISTIE, 2002; MALLET-RODRIGUES, 2007).

Myrmotherula kermi sp. nov. (CHERRIE, 1916a) – Type ♀ ad. AMNH 127594: Barão [de] Melgaço, Matto Grosso, 6 mar 1914, L. E. Miller. [= *Myrmotherula sclateri* Snethlage, 1912]

Cory; Hellmayr (1924) e Naumburg (1930) foram concordes em considerá-la como inseparável de *Myrmotherula sclateri*, cuja localidade-tipo é Boim, margem esquerda do Rio Tapajós. Zimmer (1932) discordou e afirmou que o tipo de *M. kermi* “differs markedly from five females of [M.] sclateri of both banks of Rio Tapajoz.” Esta afirmativa, acrescida do reexame do tipo por E. Eisenmann, levou ao reconhecimento de *M. s. kermi* por parte de Meyer de Schauensee (1966) e Pinto (1978). Embora alguns autores (D. F. STOTZ in RIDGELY; TUDOR, 1994; LECROY; SLOSS, 2000) sugeriram que a validade ainda esteja em aberto, prevalece a conclusão de Parker; Remsen (1987) em considerar *M. s. kermi* como um extremo da variação na estriação das fêmeas (ZIMMER; ISLER, 2003).

Rhopoterpe torquata tragicus subsp. nov. (CHERRIE, 1916a) – Type ♀ ad. AMNH 127669: Rio Roosevelt, “Camp 17”, Matto Grosso [= Rondônia], 27 [= 25] mar 1914, Geo. K. Cherrie. [= *Myrmornis t. torquata* (Boddaert, 1783)]

Naumburg (1930) concluiu que a descrição teria sido baseada em variação individual de *Myrmornis torquata*. Antes, Cory; Hellmayr (1924) trataram-na dentre os sinônimos de *M. torquata*, sem tecerem comentários. Este arranjo, que prevalece até hoje, foi indagado em Pinto (1947, 1978), por conta de diferenças na plumagem entre espécimes obtidos ao norte e ao sul do Amazonas. Uma especulação mais recente foi feita por Zimmer; Isler (2003): “Race *stictoptera* [América Central e noroeste da Colômbia] and some populations of nominate form may prove to be a distinct species.” LeCroy; Sloss (2000) corrigiram a data de coleta do holótipo.

Xiphocolaptes major saturatus subsp. nov. (CHERRIE, 1916a) – Type ♂ ad. AMNH 127785: Urucum, near Corumbá, Matto Grosso [= Mato Grosso do Sul], 4 dez 1913, Geo. K. Cherrie. [= *Xiphocolaptes major castaneus* Ridgway, 1890]

Táxon renomeado por Todd (1917) como *Xiphocolaptes major obscurus*, pois o nome já se encontrava pré-ocupado por *Xiphocolaptes saturatus* Ridgway, 1890 (sinônimo-júnior de *Xiphocolaptes promeropirhynchus ignotus* Ridgway, 1890 – dos Andes equatorianos). Entretanto, Cory; Hellmayr (1925) e Naumburg (1930), consideraram o holótipo de *X. m. saturatus*, bem como alguns topótipos de Urucum, como representativos de mera variação individual de *X. m. castaneus*, a qual originalmente Cherrie comparou e considerou possuir plumagem mais clara. É válido acrescentar que a enigmática ‘Piedra Branca’, localidade-tipo boliviana de *X. m. castaneus* localiza-se no departamento de Santa Cruz, não distante da fronteira com o Brasil e, mais importante, próxima de Corumbá (LECROY; SLOSS, 2000).

Phacellodomus ruber rubicula subsp. nov. (CHERRIE, 1916a) – Type ♂ ad. AMNH 127731: San Lorenzo River [Rio São Lourenço], Matto Grosso, 2 jan 1914, Geo. K. Cherrie. [= *Phacellodomus ruber* (Vieillot, 1817)]

Táxon considerado por Cory; Hellmayr (1925 - que grafaram *Phacellodomus ruber* “*rubicola*”) e Naumburg (1930) como representando meramente um extremo de variação de plumagem do monotípico *Phacellodomus ruber*. A variação individual verificável em *P. ruber*, mas sem correlação geográfica, foi novamente abordada por Vaurie (1980).

Myiopagis viridicata rondoni subsp. nov. (CHERRIE, 1916a) – Type ♂ ad. AMNH 127860: Urucum, near Corumbá, Matto Grosso [= Mato Grosso do Sul], 13 dez 1913, Geo. K. Cherrie. [= *Myiopagis v. viridicata* (Vieillot, 1817)]

Considerado inseparável de *Myiopagis v. viridicata* (CORY; HELLMAYR, 1927; NAUMBURG, 1930), a partir da constatação de extensa variação individual na subespécie nominal sem uma correspondência geográfica. Não há registro posterior que esta interpretação tenha sido alguma vez questionada (GREENWAY, 1987). Por fim, vale mencionar que Urucum está cerca de 80 km da fronteira paraguaia (localidade-tipo de *Sylvia viridicata*, basônimo de *M. viridicata*).

Sporophila hypoleuca clara subsp. nov. (CHERRIE, 1916a) – Type ♂ ad. AMNH 128119: San Lorenzo River, below the mouth of the Cuyabá [Rio São Lourenço, a jusante da boca do Rio Cuyabá], Matto Grosso, 2 jan 1914, Geo. K. Cherrie. [= *Sporophila l. leucoptera* (Vieillot, 1817)]

O holótipo e os espécimes de Mato Grosso concordam com topótipos da forma nominal de *Sporophila leucoptera*, cuja localidade-tipo é o Paraguai (HELLMAYR, 1929; NAUMBURG, 1930; HELLMAYR, 1938). Inadvertidamente, Cherrie descrevera *S. hypoleuca clara* a partir de comparação com espécimes do leste do Brasil, agora *S. l. cinereola*.

Thraupis palmarum duvida subsp. nov. (CHERRIE, 1916a) – Type ♂ ad. AMNH 128245: Carapana, Rio Roosevelt, Amazonia [Carapanã, estado do Amazonas], 24 abr 1914, Geo. K. Cherrie. [= *Thraupis palmarum melanoptera* (Sclater, 1857)]

Naumburg (1930) e Hellmayr (1936) consideram-na categoricamente inseparável de *Thraupis palmarum melanoptera*, forma amplamente distribuída na Amazônia e Escudo das Guianas. A grafia da localidade foi adulterada para Carapanha (NAUMBURG, 1930; HELLMAYR, 1936), Carupanan (NAUMBURG, 1930) ou Carapaña (PAYNTER; TRAYLOR, 1991). Todavia, as corredeiras com este nome, 35 km a montante da foz do Rio Roosevelt, referem-se obviamente a ‘carapanã’, nome genérico em tupi dado aos mosquitos hematófagos.

Não comentamos aqui, em pormenores, os seguintes nomes presentes em Cherrie (1916a) e Cherrie; Reichenberger (1921, 1923) porquanto foram estes descritos a partir de material obtido fora do Brasil: *Ortalis canicollis grisea* (= *Ortalis canicollis canicollis*, Argentina), *Strix chacoensis* (Paraguai), *Eupsittula aurea major* (= *Eupsittula aurea*, Paraguai), *Picolaptes angustirostris praedatus* (= *Lepidocolaptes angustirostris*, Uruguai), *Furnarius rufus paraguayae* (Paraguai) e *Myospiza manimbe nigrostriata* (= *Ammodramus humeralis xanthornus*, Paraguai). Além disso, os materiais tipo de de *P. a. praedatus* não são oriundos das atividades da expedição.

É importante salientar que o material tipo dos táxons *Chloronerypes flavigula magnus*, *Myrmotherula kermi* e *Synallaxis rufogularis* não foi coletado pela subdivisão principal da expedição que desceu o Rio da Dúvida, mas por Miller, que realizou outro itinerário, de Barão de Melgaço aos Rios Ji-Paraná, Madeira e Amazonas (ver acima).

Além destas, a espécie *Capito dayi* foi descrita posteriormente por Cherrie (1916b), tendo como espécime-tipo um exemplar obtido em Porto Velho em uma expedição posterior, realizada em 1915 (Expedição Collins-Day), sendo, entretanto, um exemplar obtido por Miller durante a Expedição Roosevelt-Rondon analisado em sua descrição (oriundo de Monte Cristo, estado de Rondônia).

No caso dos naturalistas americanos (Cherrie e Miller), suas coletas podem ser rastreadas pela magnífica obra de Naumburg

(1930) e, também, pelas descrições de Cherrie (1916a) e de Cherrie; Reichenberger (1921, 1923).

A parte da comitiva brasileira da expedição também coletou material que foi usado na descrição de três novos táxons por Miranda-Ribeiro (1926, 1931), a saber:

P[yrhbura] [uciani] (sic) melanoides Miranda-Ribeiro, 1926, Arch. Mus. Nac. 28: 11 (no texto). (...) dous exemplares do rio Telles Pires (...) [= *Pyrrhura amazonum* Hellmayr, 1906]

Este nome foi mencionado apenas por Gonzaga (1989), não tendo figurado sequer na relação de espécies e subespécies descritas por Alípio de Miranda Ribeiro, preparada por seu filho (MIRANDA-RIBEIRO, 1955). Gonzaga (1989) relaciona dois sítipos: MNRJ 3649-50, Matto-Grosso, Pyrineus-Pires, 1914. Argumenta, também, que a localidade “Telles-Pires” indicada na obra original, provavelmente, deve-se a um lapso do autor, uma vez que [Antonio] Pyrineus [de Sousa] e [Antenor] Pires atingiram esse rio somente no ano de 1915. As etiquetas dos dois sítipos, bem como dados em Miranda-Ribeiro; Soares (1920) reiteram “M[atto].Grosso, 1914”. Emil Stolle, Pyrineus e Pires subiram, em 1914, o Rio Aripuanã até a sua bifurcação com o Rio da Dúvida ou Castanha, onde deveriam aguardar a turma, chefiada por Roosevelt e Rondon, que descia este rio na suposição de que fosse ele um dos formadores do Aripuanã (Magalhães 1941, Gonzaga 1989). Essa turma de fato aí chegou em 26 de abril de 1914 (ROOSEVELT, 1976; GONZAGA, 1989). Daí, a comitiva de Roosevelt, Pyrineus e Pires (mas não Rondon e Stolle), partiram para Belém. Desse modo, considerando a localização da foz do Rio Roosevelt (como passou a ser chamada a “foz do Castanha”), os dois sítipos de *P. l. melanoides* foram obtidos em terras do estado do Amazonas.

A taxonomia e nomenclatura do grupo *Pyrrhura picta*, do qual *lucianii* (basônimo: *Conurus lucianii* Deville, 1851) e *amazonum* faziam parte, foi bastante remodelada. O tratamento presente de *P. amazonum* como espécie plena (REMSSEN et al., 2014; PIACENTINI et al., 2015) baseia-se nos estudos de Joseph (2000, 2002).

E[lectron] p[atyrhynchus] (sic) chlorophrys Miranda-Ribeiro, 1931, Bol. Mus. Nac. 7(2): 83 [em chave]. “E fluminibus Castanha et Jamary”. Specimina Jamaryi sicut e provincia Goyacis, et Tramaqui. Habitat Rio Tocantins (Esp. do Peixe Goyaz; Rio Tramaqui, M. Grosso) [= Foz do Castanha, Amazonas] [= *Electron platyrhynchus chlorophrys* Miranda-Ribeiro, 1931]

Miranda-Ribeiro (1955) designou como lectótipo (dentre 5 sítipos) o espécime MNRJ 4164, que, segundo Gonzaga (1989), possui as seguintes informações na etiqueta: “Foz do Castanhas, Stolle, 5-4-14”. Gonzaga (1989) critica a inconsistência de [Paulo de] Miranda-Ribeiro (1955) em atribuir a localidade-tipo “Rio Tocantins” (indicada no paralectótipo MNRJ 4162) quando a etiqueta do lectótipo objetivamente indica “Foz do Castanhas” (= Foz do Rio Roosevelt).

A equivocada localidade “Rio Tocantins”, associada ou não ao estado de “Goyaz”, tem sido replicada, por exemplo, em Pinto (1938), Peters (1945), Sibley; Monroe (1990) e Grantsau (2010a). Sobre esse equívoco persistente de procedência escreveu J. F. Pacheco em Sick (1997, p. 477): “Um registro para Espírito Santo do Peixe, “Goiás” (MIRANDA-RIBEIRO, 1931) é a única localidade específica a leste do Tapajós para esta espécie da Amazônia ocidental – atualmente denominada apenas Peixe e situada na porção meridional do atual Estado do Tocantins. As indicações decorrentes de sua existência no Rio Tocantins (Pará) e Goiás, conforme diversas vezes assinalada ([MEYER DE] SCHAUENSEE, 1966; PINTO, 1978; SICK, 1985), derivam desta mesma fonte e devem ser consideradas mais apropriadamente como produto da troca de etiquetas entre material coletado por R. Pfrimer (Goiás, Tocantins) e E. Stolle (Rondônia, noroeste de Mato Grosso [sudeste do Amazonas]) e depositados no Museu Nacional, conforme sugerido em outros casos por Silva (1989)”. Desta forma, postulamos mais uma vez que o espécime “goiano” de *Electron platyrhynchus chlorophrys* teve origem geográfica semelhante aos demais sítipos.

A despeito da confusão sobre a localidade-tipo, lectotipização e área de distribuição, este é o único táxon válido descrito por Miranda-Ribeiro em associação com a expedição Roosevelt-Rondon (DICKINSON; REMSEN, 2013). A partir da data informada no artigo original e na etiqueta, sabe-se que ela foi obtida na foz do Rio Roosevelt, Amazonas (não Mato Grosso), pelo naturalista alemão Emil Stolle, durante o período estacionário que antecedeu ao encontro com a comitiva chefiada por Roosevelt e Rondon, que navegava descendo o Rio Roosevelt (GONZAGA, 1989).

O nome de Miranda-Ribeiro tem precedência sobre *Electron platyrhynchum orientale* Todd, 1937, cujo tipo foi obtido na margem esquerda do Tapajós (PINTO, 1938; PETERS, 1945).

B[aryphthengus] (sic) m[artii] cinereiventris Miranda-Ribeiro, 1931, Bol. Mus. Nac. 7(2): 84 [em chave], 85. “Fóz do Castanha (Stolle, Comm. Rondon) um exemplar. [= Foz do Castanhas, Amazonas] [= *Baryphthengus m. martii* (Spix, 1824)]

Tratado como sinônimo-júnior de *Baryphthengus m. martii* por Pinto (1938) e de *Baryphthengus ruficapillus martii* por Peters (1945). Miranda-Ribeiro (1955) apenas o lista como táxon descrito por seu pai e menciona o tipo sob registro MNRJ 4165. Gonzaga (1989) acrescenta a data presente na etiqueta do holótipo: 5-4-14, portanto a mesma data de coleta do táxon aqui anteriormente tratado. Após ter sido subordinada à *B. ruficapillus* em Peters (1945), a amazônica *B. martii* (estendendo-se até Honduras) voltou a ser tratada como espécie à parte nos últimos 30 anos (SICK, 1985; SNOW, 2001; DICKINSON; REMSEN, 2013).

No Brasil, ainda não foi feita uma compilação do material ornitológico obtido pela Expedição Científica Roosevelt-Rondon, assim como de todo o esforço científico da Comissão Rondon, com base no material depositado no MNRJ que, segundo Nomura (2000), é representado por 5.637 exemplares de animais (não apenas aves) obtidos durante as diversas campanhas.

O que ficou conhecido como “Comissão Rondon” encerra uma série de expedições realizadas nas duas primeiras décadas do século XX (1908-1915) (GONZAGA, 1989) e implica num acervo zoológico problemático em termos curatoriais, ao que se sabe, integralmente depositado no MNRJ.

Sua preservação foi ruim, poucas trazem as etiquetas de campo, sua etiquetagem de gabinete é caótica (escrita ruim e dados incompletos) e o lançamento no livro de tombo foi feito apenas 20-30 anos depois, no período da Segunda Grande Guerra (JFP, obs. pess.).

Coube ao naturalista do MNRJ, Alípio de Miranda-Ribeiro (1874-1939), estudar o material zoológico da Comissão Rondon, incluindo aquelas oriundas da Expedição Científica Roosevelt-Rondon (MAGALHÃES, 1941; SICK, 1997; NOMURA, 2000; SÁ et al., 2008). Sabe-se que a comitiva brasileira da expedição coletou e enviou ao MNRJ um número de espécimes de aves bem menor que o coligido pelos naturalistas norte-americanos. Miranda-Ribeiro (1914) menciona um total de 257 espécimes, sendo 137 espécimes obtidos no trecho entre o Rio Paraguai, Chapada dos Parecis, cabeceiras do Rio da Dúvida e Rio Ji-Paraná e 120 coletados no trecho do Rio Aripuanã. Embora este material ainda não tenha sido publicado na íntegra, faz exceção a revisão sobre a família Psittacidae (MIRANDA-RIBEIRO; SOARES, 1920).

Assim, faz-se necessária uma ampla revisão, associada à divulgação de um catálogo, do material ornitológico coletado pela comitiva brasileira que se encontra depositado no MNRJ.

Fica aqui nossa homenagem aos bravos homens do século passado, que não existem mais na era da internet e dos *smartphones*.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Profa. Elizabeth Madureira Siqueira pelo convite a publicar este artigo, assim como ao conselho editorial de *Atualidades Ornitológicas* que permitiu a divulgação do mesmo, originalmente publicado naquele periódico com o título “Centenário da Expedição Roosevelt-Rondon e suas contribuições à Ornitologia Brasileira”. Também somos gratos à equipe do AMNH, em nome de Matthew Shanley, Paul Sweet e Thomas Trombone pelo envio das fotos do material tipo coligido pela expedição e depositado naquela instituição. O AMNH também concedeu ao primeiro autor uma *collection study grant* para o estudo de espécimes brasileiros que se encontram depositados nesta instituição, sendo possível avaliar parte do material coletado por Cherrie e Miller. Alexandre Palmieri Sad, Ariana Dias Epifânio, Bret M. Whitney e dois revisores anônimos fizeram importantes críticas ao manuscrito.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, Joel Asaph. New mammals collected on the Roosevelt Brazilian Expedition. *Bulletin of the American Museum of Natural History*, New York, v. 35, n. 27, p. 523-530, 1916a.
- ALLEN, Joel Asaph. Mammals collected on the Roosevelt Brazilian Expedition, with field notes by Leo E. Miller. *Bulletin of the American Museum of Natural History*, New York, v. 35, n. 30, p. 559-610, 1916b.
- BLAKE, Emmet Reid. *Manual of Neotropical Birds. Volume 1. Spheniscidae (Penguins) to Laridae (Gull and Allies)*. Chicago: The University of Chicago Press, 1977.
- CARRIKER, Melbourne Armstrong, Jr. Description of new birds from Peru, with notes on the nomenclature and status of other little-known species. *Proceedings of the Academy of Natural Sciences of Philadelphia*, Philadelphia, v. 86, p. 317-334, 1934.
- CHERRIE, George Kruck. Some apparently undescribed birds from the collection of the Roosevelt South American Expedition. *Bulletin of the American Museum of Natural History*, New York, v. 35, n. 17, p. 183-190, 1916a.
- CHERRIE, George Kruck. New birds from the collection of the Collins-Day Expedition to South America. *Bulletin of the American Museum of Natural History*, New York, v. 35, n. 23, p. 391-397, 1916b.

CHERRIE, George Kruck; REICHENBERGER, Elsie Margaret Binger. Descriptions of proposed new birds from Brazil, Paraguay, and Argentina. *American Museum Novitates*, New York, v. 27, p. 1-6, 1921.

CHERRIE, George Kruck; REICHENBERGER, Elsie Margaret Binger. Descriptions of proposed new birds from Brazil and Paraguay. *American Museum Novitates*, New York, v. 27, p. 1-9, 1923.

CID, Maria Rosa Lopez; WAIZBORT, Ricardo. Alípio de Miranda Ribeiro e as lições da Comissão Rondon para o Museu Nacional. *Filosofia e História da Biologia*, São Paulo, v. 1, p. 215-227, 2006.

CORY, Charles Barney. Catalogue of birds of the Americas and the adjacent islands. *Field Museum of Natural History, Zoological Series*, Chicago, v. 13, n. 2, p. 1-315, 1918.

CORY, Charles Barney; HELLMAYR, Carl Eduard. Catalogue of birds of the Americas. Pteroptochidae, Conopophagidae, Formicariidae. *Field Museum of Natural History, Zoological Series*, Chicago, v. 13, n. 3, p. 1-369, 1924.

CORY, Charles Barney; HELLMAYR, Carl Eduard. Catalogue of birds of the Americas. Furnariidae, Dendrocolaptidae. *Field Museum of Natural History, Zoological Series*, Chicago, v. 13, n. 4, p. 1-390, 1925.

CORY, Charles Barney; HELLMAYR, Carl Eduard. Catalogue of birds of the Americas. Tyrannidae. *Field Museum of Natural History, Zoological Series*, Chicago, v. 13, n. 4, p. 1-517, 1927.

CUNHA, Osvaldo Rodrigues da. *Talento e atitude. Estudos biográficos do Museu Goeldi 1*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1989.

DAVID, Normand; GOSSELIN, Michel. The grammatical gender of avian genera. *Bulletin of the British Ornithologists' Club*, Tring, v. 122, n. 4, p. 257-282, 2002.

DELACOUR, Jean; AMADON, Dean. *Curassows and related birds*. New York: American Museum of Natural History, 1973.

DICKINSON, Edward Clive; REMSEN, James Van, Jr. *The Howard and Moore complete checklist of the birds of the World 1*. Eastbourne: Aves Press, 2013.

GONZAGA, Luiz Pedreira. Catálogo dos tipos na coleção ornitológica do Museu Nacional. I – Não-Passeriformes. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Zoologia*, Belém, v. 5, n. 1, p. 9-40, 1989.

GRANTS AU, Rolf Karl Heinz. *Guia completo para identificação das aves do Brasil 1*. São Carlos: Vento Verde, 2010a.

GRANTS AU, Rolf Karl Heinz. *Guia completo para identificação das aves do Brasil 2*. São Carlos: Vento Verde, 2010b.

GRAVES, Gary R.; GOTELLI, Nicholas J. Assembly of avian mixed-species flocks in Amazonia. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, v. 90, n. 4, p. 1388-1391, 1993.

GREENWAY, James Cowan, Jr. Type specimens of birds in the American Museum of Natural History, Part II. *Bulletin of the American Museum of Natural History*, New York, v. 161, n. 1, p. 1-305, 1978.

GREENWAY, James Cowan, Jr. Type specimens of birds in the American Museum of Natural History, Part IV. *American Museum Novitates*, New York, v. 2879, p. 1-63, 1987.

GYLDENSTOLPE, Nils. On a new Spine-tail from east Ecuador together with some notes on the forms of the *Synallaxis rutilans*-group. *Arkiv för Zoologi Stockholm*, Estocolmo, v 21A, n. 25, p. 1-20, 1930.

GYLDENSTOLPE, Nils. The bird fauna of Rio Juruá. *Kungliga Svenska Vetenskapsakademiens Handlingar Series 3*, v. 22, n. 3, p. 1-338, 1945.

HELLMAYR, Carl Eduard. A contribution to the ornithology of northeastern Brazil. *Field Museum of Natural History, Zoological Series*, Chicago, v.12, n. 8, p. 235-501, 1929.

HELLMAYR, Carl Eduard. Catalogue of birds of the Americas and the adjacent islands. Tersinidae, Thraupidae. *Field Museum of Natural History, Zoological Series*, Chicago, v. 13, n. 9, p. 1-458, 1936.

HELLMAYR, Carl Eduard. Catalogue of birds of the Americas and the adjacent islands. Ploceidae, Catamblyrhynchidae, Fringillidae. *Field Museum of Natural History, Zoological Series*, Chicago, v. 13, n. 11, p. 1-662, 1938.

HELLMAYR, Carl Eduard; CONOVER, Boardman. Catalogue of birds of the Americas and the adjacent islands. Rheidae, Tinamidae, Cracidae, Tetraonidae, Phasianidae, Numididae, Meleagrididae, Opisthocomidae, Gruidae, Aramidae, Psophiidae, Rallidae, Heliornithidae, Eurypygidae, Cariamidae, Columbidae. *Field Museum of Natural History, Zoological Series*, Chicago, v. 13, part 1, n. 1, p. 1-636, 1942.

HENDERSON, Bruce. *Norte Verdadeiro - Peary, Cook e a corrida ao pólo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

HUNTFORD, Roland. *O último lugar da terra - a competição entre Scott e Amundsen pela conquista do Pólo Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ISLER, Morton L.; ISLER, Phyllis R. *The Tanagers: natural history, distribution, and identification*. Washington, DC: Smithsonian Institution Press, 1999.

JOSEPH, Leo. Beginning an end to 63 years of uncertainty: The Neotropical parakeets known as *Pyrrhura picta* and *P. leucotis* comprise more than two species. *Proceedings of the Academy of Natural Sciences of Philadelphia*, Philadelphia, v. 150, n. 1, p. 279-292, 2000.

JOSEPH, Leo. Geographical variation, taxonomy and distribution of some Amazonian *Pyrrhura* parakeets. *Ornitología Neotropical*, Montréal, v. 13, n. 4, p. 337-363, 2002.

JUNGHANS, Miriam. Emilia Sneathlage (1868-1929): uma naturalista alemã na Amazônia. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 243-255, 2008.

LECROY, Mary; SLOSS, Richard. Type specimens of birds in the American Museum of Natural History. Part 3. Passeriformes: Eurylaimidae, Dendrocolaptidae, Furnariidae, Formicariidae, Conopophagidae, and Rhinocryptidae. *Bulletin of the American Museum of Natural History*, New York, v. 257, p. 1-88, 2000.

MAGALHÃES, Amílcar Armando Botelho de. *Pelos sertões do Brasil*, 2ª Ed. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Companhia Editora Nacional. Brasiliana (Série 5ª, Volume 195), 1941.

MALLET-RODRIGUES, Francisco. Táxons de validade questionável com ocorrência no Brasil. VII - Picidae. *Atualidades Ornitológicas*, Ivaiporã, v. 140, p. 8-9, 2007.

MARÍN, Manuel. Species limits and distribution of some new world spine-tailed swifts (*Chaetura* spp.). In: REMSEN, James Van, Jr. (Org.). *Studies in Neotropical ornithology honoring Ted Parker*. Washington: American Ornithologists' Union. Ornithological Monographs n° 48, 1997. p. 431-443.

MEYER DE SCHAUENSEE, Rodolphe. *The species of birds of South America and their distribution*. Philadelphia: Academy of Natural Sciences, 1966.

MILLARD, Candice. *O Rio da Dúvida: a sombria viagem de Theodore Roosevelt e Rondon pela Amazônia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MIRANDA-RIBEIRO, Alípio de. *História Natural: Zoologia*. Anexo 4 da Expedição Roosevelt. Rio de Janeiro: Pap. Macedo. (Publicação Nº. 53 da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Matto Grosso ao Amazonas), 1914.

MIRANDA-RIBEIRO, Alípio de. Notas ornithologicas – I – Lista dos Psittacideos colligidos em Urucum e outras localidades de Matto Grosso, por Antenor Pires, taxidermista da Comissão Rondon em 1914. *Archivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, v. 28, p. 9-12, 1926.

MIRANDA-RIBEIRO, Alípio de. Notas ornithologicas - XI - Coracias brasileiros (Momotinae). *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 73-90, 1931.

MIRANDA-RIBEIRO, Alípio de; SOARES, Euclides da Costa. Psittacidae. *Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Matto-Grosso ao Amazonas*, v. 63, p. 1-14, 1920.

- MIRANDA-RIBEIRO, Paulo. Tipos das espécies e subespécies do prof. Alípio de Miranda Ribeiro depositados no Museu Nacional (com uma relação dos gêneros, espécies e subespécies descritos). *Arquivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 1, p. 389-417, 1955.
- MUNN, Charles A. Permanent canopy and understory flocks in Amazonia: species composition and population density. In: BUCKLEY, P.A.; FOSTER, Mercedes S.; MORTON, Eugene S; RIDGELY, Robert Sterling; BUCKLEY, Francine G. (Org.). *Neotropical ornithology*. Washington: American Ornithologists' Union. Ornithological Monographs n° 36, 1985. p. 683-712.
- NAUMBURG, Elsie Margaret Binger. The birds of Matto Grosso, Brazil: a report on the birds secured by the Roosevelt-Rondon Expedition, with field notes by George K. Cherrie. *Bulletin of the American Museum of Natural History*, New York, v. 60, n. 1, p. 1-432, 1930.
- NOMURA, Hitoshi. A colaboração de Miranda Ribeiro para o conhecimento da Zoologia brasileira na época da Comissão Rondon. *Revista de Ornitologia Paranaense*, v. 4, 2000. Disponível em: <<http://www.ao.com.br/rop4.htm>>. Acesso em: 25 dez. 2013.
- OREN, David Conway; SILVA, José Maria Cardoso da. Cherrie's Spinetail (*Synallaxis cherriei* Gyldenstolpe) (Aves: Furnariidae) in Carajás and Gorotire, Pará, Brazil. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi, série Zoologia*, Belém, v. 3, n. 1, p. 1-9, 1987.
- ORNIG, Joseph R. *George K. Cherrie's diary of the Theodore Roosevelt Expedition to explore the River of Doubt in Brazil, October 1913 to May, 1914*. New York: American Museum of Natural History, 1975.
- PACHECO, José Fernando; BAUER, Claudia. A coleção de aves preparadas por Adolf Schneider em Porto Quebracho, Mato Grosso do Sul, Brasil, em 1941. *Notulas Faunisticas*, Buenos Aires, v. 64, p. 1-6, 1994.
- PARKER, Theodore Albert; REMSEN, James Van, Jr. Fifty-two Amazonian bird species new to Bolivia. *Bulletin of the British Ornithologists' Club*, Tring, v. 107, n. 3, p. 94-107, 1987.
- PAYNTER, Raymond A., Jr; TRAYLOR, Melvin A., Jr. *Ornithological Gazetteer of Brazil*. Massachusetts: Museum of Comparative Zoology, 1991.
- PETERS, James Lee. *Check-list of birds of the world* 4. Cambridge: Harvard University Press, 1940.
- PETERS, James Lee. *Check-list of birds of the world* 5. Cambridge: Harvard University Press, 1945.
- PETERS, James Lee. *Check-list of birds of the world* 6. Cambridge: Harvard University Press, 1948.

PIACENTINI, Vítor de Q.; ALEIXO, Alexandre; AGNE, Carlos Eduardo; MAURÍCIO, Giovanni Nachtigall; PACHECO, José Fernando; BRAVO, Gustavo A.; BRITO, Guilherme R. R.; NAKA, Luciano N.; OLMOS, Fabio; POSSO, Sergio; SILVEIRA, Luís Fábio; BETINI, Gustavo S.; CARRANO, Eduardo; FRANZ, Ismael; LEES, Alexander C.; LIMA, Luciano M.; PIOLLI, Dimas; SCHUNCK, Fabio; AMARAL, Fábio Raposo do; BENCKE, Glayson A.; COHN-HAFT, Mario; FIGUEIREDO, Luiz Fernando A.; STRAUBE, Fernando C. & CESARI, Evaldo. Annotated checklist of the birds of Brazil by the Brazilian Ornithological Records Committee / Lista comentada das aves do Brasil pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. *Revista Brasileira de Ornitologia*, Belém, v. 23, n. 2, p. 91-298, 2015.

PINTO, Olivério Mário de Oliveira. Catálogo das aves do Brasil e lista dos exemplares que as representam no Museu Paulista. 1ª parte: Aves não Passeriformes e Passeriformes não Oscines, excluída a Fam. Tyrannidae e seguintes. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, v. 22, p. 1-556, 1938.

PINTO, Olivério Mário de Oliveira. Contribuição à ornitologia do baixo Amazonas. Estudo crítico de uma coleção de aves do Estado do Pará. *Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo*, São Paulo, v. 5, n. 6, p. 311-482, 1947.

PINTO, Olivério Mário de Oliveira. *Ornitologia Brasiliense* 1. São Paulo: Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, 1964.

PINTO, Olivério Mário de Oliveira. *Novo Catálogo das aves do Brasil. Primeira Parte. Aves não Passeriformes e Passeriformes não Oscines, com exclusão da família Tyrannidae*. São Paulo: Empresa Gráfica Revista dos Tribunais, 1978.

PINTO, Olivério Mário de Oliveira; CAMARGO, E. A. Resultados ornitológicos de uma expedição ao Território do Acre pelo Departamento de Zoologia. *Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia*, São Paulo, v. 11, n. 23, p. 371-418, 1954.

POWELL, George V. N. On the possible contribution of mixed species flocks to species richness in neotropical avifaunas. *Behavioral Ecology and Sociobiology*, Berlim, v. 24, n. 6, p. 387-393, 1989.

RASMUSSEN, Pamela Cecile & COLLAR, Nigel J. Family Bucconidae (Puffbirds). In: DEL HOYO, Josep; ELLIOTT, Andrew; SARGATAL, Jordi (Org.). *Handbook of the birds of the world* 7. Barcelona: Lynx Edicions, 2002. p. 102-138.

REMSSEN, James Van, Jr. Family Furnariidae (Ovenbirds). In: DEL HOYO, Josep; ELLIOTT, Andrew; CHRISTIE, David A. (Org.). *Handbook of the birds of the world* 8. Barcelona: Lynx Edicions, 2003. p. 162-357.

REMSEN, James Van, Jr; CADENA, Carlos Daniel; JARAMILLO, Alvaro; NORES, Manuel; PACHECO, José Fernando; PÉREZ-EMÁN, Jorge; ROBBINS, Mark B.; STILES, F. Gary; STOTZ, Douglas F.; ZIMMER, Kevin J. *A classification of the bird species of South America*. 2014. Disponível em: <<http://www.museum.lsu.edu/~Remsen/SACCBaseline.html>>. Acesso em: 6 jun. 2014.

RIDGELY, Robert Sterling; GREENFIELD, Paul J. *The birds of Ecuador. Status, distribution and taxonomy* 1. Ithaca: Cornell University Press, 2001.

RIDGELY, Robert Sterling; TUDOR, Guy. *The birds of South America* 2. Austin: University of Texas Press, 1994.

ROOSEVELT, Theodore. *Nas selvas do Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

SÁ, Dominichi Miranda de. A natureza amazônica nas viagens científicas da Comissão Rondon (1907-1930). In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2011, São Paulo. Anais... São Paulo: Associação Nacional de História, 2011. p. 1-12.

SÁ, Dominichi Miranda de; SÁ, Magali Romero; LIMA, Nísia Trindade. Telégrafos e inventário do território no Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1915). *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 779-810, 2008.

SHACKLETON, Ernest Henry. *Sul: A expedição polar mais famosa da história*. São Paulo: Alegro, 2002.

SHORT, Lester Leroy. Relationships among the four species of the superspecies *Celeus elegans* (Aves, Picidae). *American Museum Novitates*, New York, v. 2487, n. 1-26, 1972.

SIBLEY, Charles G.; MONROE, Burt L., Jr. *Distribution and taxonomy of birds of the world*. New Haven: Yale University Press, 1990.

SICK, Helmut. *Ornitologia Brasileira, uma introdução* 1. Brasília: Universidade de Brasília, 1985.

SICK, Helmut. *Ornitologia brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

SILVA, José Maria Cardoso da. *Análise biogeográfica da avifauna de florestas do interflúvio Araguaia - São Francisco*. 1989. 220 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia). Universidade de Brasília, Brasília.

SILVA, José Maria Cardoso da. Sistemática e biogeografia da superespécie *Nystalus maculatus* (Piciformes: Bucconidae). *Ararajuba*, Rio de Janeiro, v. 2, p. 75-79, 1991.

SILVA, José Maria Cardoso da. Birds of the Cerrado Region, South America. *Steenstrupia*, København, v. 21, n. 1, p. 69-92, 1995.

- SNOW, David William. Family Momotidae (Motmots). In: DEL HOYO, Josep; ELLIOTT, Andrew; SARGATAL, Jordi (Org.). *Handbook of the birds of the world* 6. Barcelona: Lynx Edicions, 2001. p. 264-284.
- STRAUBE, Fernando Costa; URBEN-FILHO, Alberto; PIVATTO, Maria Antonietta Castro; NUNES, Alessandro Pacheco; TOMÁS, Walfrido Moraes. Nova contribuição à ornitologia do Chaco brasileiro (Mato Grosso do Sul, Brasil). *Atualidades Ornitológicas On-line*, Ivaiporã, v. 134, p. 1-27, 2006.
- TERBORGH, John; ROBINSON, Scott K.; PARKER, Theodore Albert; MUNN, Charles A.; PIERPONT, Nina. Structure and organization of an Amazonian forest bird community. *Ecological Monographs*, Washington, DC, v. 60, n. 2, p. 213-238, 1990.
- TODD, Walter Edmond Clyde. Preliminary diagnoses of apparently new birds from Colombia and Bolivia. *Proceedings of the Biological Society of Washington*, Washington, v. 30, n. 3-6, 1917.
- VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; HOFFMANN, Diego. Os Bosques Secos Chiquitanos também são nossos! *Atualidades Ornitológicas*, Ivaiporã, v. 130, p. 10-11, 2006.
- VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; LOPES, Leonardo Esteves; HOFFMANN, Diego; SILVEIRA, Luís Fábio; SCHUNCK, Fábio. Noteworthy records of birds from the Pantanal, Chiquitano dry forest and Cerrado of south-western Brazil. *Bulletin of the British Ornithologists' Club*, Tring, v. 128, n. 1, p. 57-67, 2008.
- VASCONCELOS, Marcelo Ferreira de; MATRANGOLO, Carlos Augusto Rodrigues; D'ANGELO-NETO, Santos. Variação de plumagem e expansão geográfica do Rapazinho-dos-velhos *Nystalus maculatus*. *Cotinga*, Sandy, v. 20, p. 66-67, 2003.
- VAURIE, Charles. Taxonomy and geographical distribution of the Furnariidae (Aves, Passeriformes). *Bulletin of the American Museum of Natural History*, New York, v. 166, n. 1, p. 1-357, 1980.
- VIVEIROS, Ester de. *Rondon conta sua vida*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958.
- WETMORE, Alexander. Further additions to the birds of Panamá and Colombia. *Smithsonian Miscellaneous Collection*, Washington, DC, v. 122, n. 8, p. 1-12, 1953.
- WHITTAKER, Andrew. Pousada Rio Roosevelt: a provisional avifaunal inventory in south western Amazonian Brazil, with information on life history, new distributional data and comments on taxonomy. *Cotinga*, Sandy, v. 31, p. 20-43, 2009.

- WINKLER, Hans; CHRISTIE, David A. Family Picidae (Woodpeckers). In: DEL HOYO, Josep; ELLIOTT, Andrew; SARGATAL, Jordi (Org.). *Handbook of the birds of the world* 7. Barcelona: Lynx Edicions, 2002. p. 296-555.
- ZIMMER, John Todd. Studies of Peruvian birds. III – The genus *Myrmotherula* in Peru, with notes on extralimital forms. Part 1. *American Museum Novitates*, New York, v. 523, p. 1-19, 1932.
- ZIMMER, John Todd. Studies of Peruvian birds. XVII – Notes on the genera *Syndactyla*, *Anabacerthia*, *Philydor*, and *Automolus*. *American Museum Novitates*, New York, v. 785, p. 1-24, 1935.
- ZIMMER, John Todd. Studies of Peruvian birds. XX – Notes on the genus *Synallaxis*. *American Museum Novitates*, New York, v. 861, p. 1-26, 1936.
- ZIMMER, Kevin J.; ISLER, Morton L. Family Thamnophilidae (Typical Antbirds). In: DEL HOYO, Josep; ELLIOTT, Andrew; CHRISTIE, David A. (Org.). *Handbook of the birds of the world* 8. Barcelona: Lynx Edicions, 2003. p. 448-681.